



IF-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O ato filosófico pela prática literária

Por: Paulo Roberto Schneider¹
UNIOESTE/ESCRILEITURAS/CAPES/INEP
pauloschneiders@gmail.com.br
&
Alan Rodrigo Padilha²
UNIOESTE/ESCRILEITURAS/CAPES/INEP
alan.padilha@ifpr.edu.br

Resumo

Nesse presente artigo pretende-se apresentar uma proposição sintética sobre os aspectos de um possível agenciamento filosófico-literário para o ensino de filosofia. Com esse objetivo, trataremos primeiramente, sobre a relação filosofia e literatura kafkiana, amparados pelas contribuições da filosofia deleuze-guattariana e, em seguida, mostraremos alguns resultados da prática de oficinas de literatura/leituras e pinturas e de debates (leituras e conceitos) por meio de café filosófico a partir do contato dos estudantes da Educação Básica Técnica e Tecnológica do Instituto Federal do Paraná, Campus de Umuarama/PR e do Colégio SESI de Francisco Beltrão/PR com a obra *A Metamorfose* (1997), de Franz Kafka (1883- 1924). A partir da leitura da obra kafkaniana se pretendeu elucidar também aspectos conceituais da filosofia de Gilles Deleuze (1925-1995) e Felix Guattari (1930-1992) – os quais a partir de agora

1. É Mestrando em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, é Especialista em Filosofia e Sociologia pela Faculdade de Administração, Ciências Contábeis, Educação e Letras, é Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade de Ampère – FAMPER e Graduado e Licenciado em Filosofia pela Faculdade Padre João Bagozzi. Atua como professor de Filosofia e Sociologia na Federação das Indústrias do Estado do Paraná – SESI e atua como docente de Filosofia e de Ensino Religioso junto a Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED/PR, no Núcleo Regional de Educação de Maringá.

2. É Mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, é Especialista em Educação Especial pelo Instituto de Estudos Avançados e Pós-graduação – ESAP e Graduado e Licenciado em Filosofia pela Faculdade Padre João Bagozzi. É servidor público federal, docente EBTB da disciplina de Filosofia, lotado no Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR, na cidade de Umuarama/ PR. É Diretor Geral do campus do IFPR da cidade de Umuarama. É pesquisador-efetivo e docente do Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologia – IFPR, vinculado a Linha de Pesquisa de Filosofia. Atua nas Linhas de Pesquisa sobre Filosofia; Filosofia da Diferença e Educação; Autonomia e Heteronomia em Ética. É membro do Corpo Editoria da IF-Sophia: revista eletrônica de investigações Filosófica, Científica e Tecnológica.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

chamaremos por D&G – o que permitiu mais facilmente pensar uma possibilidade didática no ensino de Filosofia por meio de expressões da arte (cinema, literatura, artes visuais, música e teatro) levando a planejarmos novas oficinas para o desenrolar do último bimestre desse ano. Essas oficinas estão agregadas ao projeto de pesquisa e cujos resultados aparecerão vinculados à dissertação de cada um de nós junto ao programa de pós-graduação em Filosofia pela UNIOESTE, campus de Toledo/PR.

Palavras-chave: Filosofia (ensino de); Kafka, F.; Literatura.

Resumo

En ĉi tiu artikolo ni intencas prezenti sintezan propozicion pri aspektoj de ebla filozofia kaj literatura agentejo por instruado filozofio. Tiucele, ni unue pritraktos la filozofion interrilato kaj Kafka literaturo, apogita per kontribuojn de Deleuze-Guattari filozofion kaj, tiam ni montros iujn de la praktikajn rezultojn de literatura/ legada atelieroj kaj pentraĵoj kaj debatoj (legadoj kaj konceptoj) per tra filozofia kafo el la kontakto de studentoj de Baza Eduko, Teknika kaj Teknologia Federala Mezlernejo de Paraná, kampuso de la urbo de Umuarama/ PR kaj Francisco Beltrão Sesi Kolegio/ PR kun la verko "Metamorfose" (1997), de Franz Kafka (1883 - 1924). El la legado de la verko de Kafka ni intencas klarigi konceptan aspektojn de la filozofio de Gilles Deleuze (1925-1995) kaj Felix Guattari (1930-1992) - kiuj de nun ni nomos por "D" kaj "G" - kio permesis pli facile pensi pri ebleco didaktiko de instruado de Filozofion tra Arto Esprimoj (filmo, literaturo, vidaj artoj, muziko kaj teatro), kondukante nin al planos novajn atelieroj por malrolas de la lastaj du monatoj de ĉi tiu jaro. La metiejoj estas agregita al la esplorprojekto kaj la rezultoj aperos ligitan al la disertacio ĉiu el ni kun la postdiploma programo en Filozofio de UNIOESTE, kampuso Toledo / PR.

Ŝlosilvortoj: Filozofio (instruado); Kafka, F.; Literaturo.

Abstract

In this article we intend to present a synthetic proposition on aspects of a possible philosophical and literary agency for teaching filosofia. Com this goal, we will first, on the relationship philosophy and Kafkaesque literature, supported by contributions from deleuze-Guattarian philosophy and then we will show some results of the practice of literature workshops / readings and paintings and debates (readings and concepts) through philosophical coffee from the contact of students of Basic Education Technical and Technological Federal Institute of Paraná, Campus Umuarama / PR and SESI Francisco Beltrao College / PR with the work The Metamorphosis (1997), Franz Kafka (1883- 1924). From reading kafkaniana work is also intended to clarify conceptual



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

aspects of the philosophy of Gilles Deleuze (1925-1995) and Felix Guattari (1930-1992) - which from now on will call for D & G - which allowed more easily think about a possibility didactics in teaching philosophy through Art Expressions (film, literature, visual arts, music and theater) leading to new workshops we plan for the course of the last two months of this year. These workshops are aggregated to the research project and the results will appear linked to the dissertation each of us with the graduate program in Philosophy from UNIOESTE, campus Toledo / PR.

Key words: *Philosophy (teaching); Kafka, F.; Literature.*

A Filosofia e o conceito – a metamorfose do pensamento

Dentre as inúmeras dificuldades educacionais que viemos enfrentando no momento acreditamos que a de aquisição e utilização da linguagem nas escolas, se mostra como a de maior relevância. Os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) acerca do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) ou o resultado expresso pela maioria dos estudantes da Educação Básica via Prova Brasil mostra essa realidade. Para Corazza *et al* (2010) essas dificuldades estão ligadas ao uso e produção de linguagem, seja enquanto “enquanto relacionados ao conjunto formado por conteúdos escolares e operações mentais, que envolvem leitura, escrita e interpretação” bem como pelas “variações contínuas de temas e imagens” ou de “singularizações de leitura e raridades de escritura; processos de pensamento, formas de conteúdos e de expressão” ou das “relações espaciais, temporais e históricas; sensibilidade para as artes, como modos de criação; habilidades e competências de formular e desenvolver problemas, em Ciências Humanas, Sociais e Exatas”, e assim por diante.

Em se tratando de aulas de filosofia é quase inevitável não se ter a intuição de que os resultados são piores. Sobretudo quando se trata de um processo didático cujos meios são procedentes de um modelo arbóreo de ensino e



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

aprendizagem. O professor é o detentor de um arcabouço de conceitos que os estudantes desconhecem e não conseguem relacionar ao cotidiano se não houver um exaustivo esforço. Por isso devem assimilá-lo e executá-lo, depois não mais operar ou efetivá-lo com a vida já que a filosofia é coisa muito difícil, remitida somente para “loucos”.

O posicionamento de D&G quanto à filosofia e sua operação por conceitos ou por personagens conceituais revelam uma tentativa de criação de novos modos de pensar e, com eles, criar também novos modos de vida. Em *O que é a filosofia?* (1992), D&G propõem pensar o que é próprio da filosofia, qual é sua função? O que cabe à ela é algo muito peculiar e exclusivo: “a filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 13).

Nesse processo de determinação do que compete à filosofia, a própria noção de conceito sofre mudança uma vez que algo criado, não é encontrado, descoberto, nem pode estar pronto, acabado. Assim, “a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos”, implica que os “conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos” (Idem). Se o conceito é criado implica, necessariamente, numa habilidade específica do filósofo. O conceito expressa nos modos de vida relação intensiva e criativa e é nesse aspecto que funciona a interseção entre a filosofia e a literatura e ainda todas as relações de desterritorialização e metamorfose do pensamento. O movimento do pensamento é um exercício intensivo de desterritorialização e desestratificação expressa em meio à vida, nas linhas de fuga, as quais não significam simplesmente e radicalmente em fugir de, mas em romper, em desorganizar as formas determinadas e estratificadas.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Assim, consideramos que a filosofia e a literatura pretendem circular num “espaço liso”, deslizante entre o dentro e o Fora. Por outro lado o pensamento sedentário fica restrito ao que sugere, o territorializado, estriado numa métrica de um ponto ao outro e de acordo com suas respectivas normas, impedindo o movimento do pensamento, restrito a imitação e não a criação. A árvore e a raiz caracterizam esse movimento:

A árvore e a raiz inspiram uma triste imagem do pensamento que não para de imitar o múltiplo a partir de uma unidade superior, de centro ou de segmento [...] Os sistemas arborescentes são sistemas hierárquicos que comportam centros de significância e de subjetivação, autômatos centrais como memórias organizadas. Acontece que os modelos correspondentes são tais que um elemento só recebe suas informações de uma unidade superior e uma atribuição subjetiva de ligações preestabelecidas. Vê se bem isso nos problemas atuais de informática e de máquinas eletrônicas, que conservam ainda o mais arcaico pensamento, dado que eles conferem poder a uma memória ou a um órgão central. (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 35).

No modo como escrevem percebe-se um devir e não um modelo segmentado. Há um devir na escrita filosófica para que possa funcionar como máquina de guerra, sendo que o “devir implica multiplicidade, celeridade, ubiquidade, metamorfose e traição, potência de afecto”. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 25). Num livro, como em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimento de desterritorialização e desestratificação. Portanto, a filosofia é em boa medida um exercício de agrimensor, cartógrafo, mesmo que seja regiões ainda por vir (DELEUZE, 2011) por um jogo de



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

imagens, mutações diferentes do decalque, mas predominante no mapa. Eis modelos de escrita nômade e rizomática. A escrita esposa uma máquina de guerra e linhas de fuga, abandona os estratos, as segmentaridades, o aparelho de Estado (DELEUZE, 2011).

O modelo “intermezzo” (...e...e...e...), ou “inter-ser”, como é chamado por D&G (2012, p. 148), não é imagem dogmática e segmentada do pensamento, antes, é um modelo vagante de mutações habitáveis, fronteiras e devires (... Animal... Criança.... Mulher.... Menor...); nunca o mesmo, mas sempre um recomeço, abertura e movimento permanente do pensamento. Aqui a literatura – não só ela, mas as artes em geral – encaixa-se como uma verdadeira linha de fuga para o pensamento e como para a atividade dinâmica do ensino de Filosofia e suas dificuldades. Assim, a agenciamento entre filosofia e literatura possibilita um modo de pensar com o fora a experiência de uma máquina de guerra. Por máquina de guerra entende-se um novo agenciamento, “linear, construído sobre linhas de fuga [...] a máquina de guerra não tem, de forma alguma, a guerra como objeto; tem como objeto um espaço muito especial, espaço liso, que ela compõe, ocupa e propaga. O nomadismo é precisamente essa combinação máquina de guerra-espaço liso” (DELEUZE, 1992, p. 50), que não opera por códigos determinados, mas por devires, em relação com o Fora³.

3. Noção criada por Maurice Blanchot (1907-2003) designando um novo entendimento estético, ético e político que a literatura permite em relação aos problemas da vida. Assim, textos da literatura moderna, como os de Kafka, Mallarmé, Artaud, Proust, entre outros, provocaram aquilo que Blanchot considera como uma separação entre a literatura clássica e a moderna, instigando a literatura a criar novas possibilidades de vida e não somente representar a vida. A concepção “o Fora” aparece em alguns dos seus textos como em *O Espaço Literário*, *O livro por vir* e *A parte do fogo*, como uma tentativa inventiva para responder novos problemas que inquietavam a época e que permitiam pensar novas saídas. Vemos na literatura kafkiana esse intento, a partir de sua escrita que pretendia resistir às forças institucionalizadoras, mas não as representando, antes, criando novos espaços para pensar a vida. A

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Deleuze (1995) põe Kafka ao lado de Nietzsche para pensar os procedimentos de descodificação. Cada um compõe à sua maneira, alcançam uma descodificação absoluta, fazem passar na escrita algo não codificável na medida em que embaralham os códigos. Por meio das linhas e dos agenciamentos contra a burocracia das leis inscritas no corpo é possível pensar a macro e a micropolítica e as relações dos indivíduos à ética, a moral, os costumes, a política, a religião, a família, a justiça e a falta de justiça, o trabalho são assuntos que perpassam a sua escrita e permitem um aporte temático para o trabalho do professor de Filosofia e que, na opinião de Deleuze e Guattari, não tem como meta única e exclusiva o ensino, mas o processo do devir do conhecimento, da arte e de novos conceitos.

D&G e o agenciamento filosofia e literatura kafkiana

A literatura tem um papel de destaque na filosofia deleuzoguattariana. As referências à literatura moderna em seus textos nos chamam a atenção. Mostram as relações que determinados tipos de literatura moderna com aquilo que Blanchot chamara de o Fora. Kafka cria um desses tipos e inventa uma nova relação entre escrita e realidade. Neste tipo, o texto literário não representa a realidade, não é cópia do mundo, antes, produz um “hiato, uma inadequação, uma arbitrariedade entre a realidade e o mundo, entre as palavras e as coisas, entre significados e significantes” (GIROTTI, 2005, p.1). Pode-se afirmar que há um “projeto literário moderno”, produzido em parceria à filosofia. Nietzsche o levantara. Blanchot o alavancara. Foucault, D&G a metamorfosearam em suas análises. A Filosofia, em contato com um de seus “foras”, a literatura, se tornou aporte crítico contra modelos

questão não é de ver na literatura e nas palavras a fidelidade às coisas (significado/significante), mas, que essas não recobrem o que designam.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

segmentários de escrita e de pensamento. Com essa metamorfose, vida e livro podem ser conexões produtoras de uma máquina de guerra para que o pensamento continue forçando a pensar a diferença, novas possibilidades de vida. É disso que pretendemos tratar no que segue.

Ao observarmos as produções D&G, constatamos que a literatura contribuiu sobremaneira para a desconstrução da imagem dogmática/clássica do pensamento. A noção dogmática e as críticas feitas a ela por Deleuze e, depois, em parceria com Guattari, se constroem a partir do uso de obras literárias, sendo que aparecem com maior ênfase nos textos que trataram da literatura masoquista, como é o caso de Sacher-Masoch: o frio e o Cruel, e da literatura kafkiana, conforme a obra escrita conjuntamente com Guattari, Kafka: para uma literatura menor, além de o Anti-Édipo e Mil Platôs.

Em Kafka, quem nos interessa aqui, Deleuze (2006) vê o processo de descodificação acontecendo, sendo proposital em sua escrita. No seu humor trágico e irônico encontra-se um pensamento que ri e que busca resistir aos processos de codificação. A questão não é recodificar, inventar novos códigos, antes, é de quebrá-los. Assim, pela relação intensiva e criativa entre filosofia e a literatura, discutiremos como ocorre uma interseção entre D&G e Kafka que pensam a lei e a maquinaria de inscrição sobre os corpos, mas como sendo possível pôr luz nessa estrutura.

Primeiramente, ao observarmos as produções de Deleuze e de D&G, constatamos que a literatura contribuiu sobremaneira para a desconstrução da imagem dogmática/clássica da lei (a Lei) e sua inscrição sobre os corpos, os desejos e afetos no conjunto social. A imagem de lei e as críticas feitas a ela por Deleuze e, depois, em parceria com Guattari, se constroem a partir do uso de obras literárias,



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sendo que aparecem com maior ênfase nos textos que trataram da literatura kafkiana. Franz Kafka faz alusão em seus escritos – principalmente o romance *O Processo* e as novelas *Na Colônia Penal* e *A Metamorfose* – à lei na sua dimensão abstrata, a se constituir nas estruturas judiciárias e tradicionais do poder, perante o qual não se pode ter esperança. Na análise dessas obras transparece o desalento de Kafka com a sua realidade pessoal, a familiar e a coletiva. Mas não que isso seja uma cópia ou representação; antes, uma tentativa de constituir uma relação entre literatura e vida, especificamente buscando resistir aos signos da lei social inscritos por um modelo ultrapassado.

Na literatura kafkiana D&G perceberam isso a partir do que chamaram de *Literatura Menor*. Não que seja menor em sentido métrico, mas político, em favor das minorias. É o que Kafka faz quando escreve em alemão, mas em função de um público não alemão, os judeus de Praga. Em função desses: “ele monta, em alemão, uma máquina de guerra contra o alemão; à força de indeterminação e de sobriedade, ele faz passar sob o código do alemão algo que nunca tinha sido ouvido” (ibidem, pp. 319-320). A leitura dos escritos de Franz Kafka revela-nos o desejo deste pela literatura. Vida e obra complementam-se. Não que fossem um decalque de sua vida, mas, pode-se dizer que um grande desabafo contra a vida acontece por meio delas.

A literatura tornou-se a rota de fuga – mas não o refúgio – aos atropelos e tormentos de sua vida marcada pela conturbada relação familiar, sobretudo do relacionamento com o pai, os relacionamentos amorosos mal sucedidos, a formação jurídica e o emprego burocrático em uma companhia de seguros. A literatura se transformou também em arma de contestação social. Para D&G, Kafka é



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

um escritor com dois polos: “burocrata de grande futuro, ramificado nos agenciamentos reais que estão de realizando” e um “nômade fugindo do modo mais atual, que se ramifica no socialismo, no anarquismo, nos movimentos sociais” (DELEUZE e GUATTARI, 1977, p. 62). Independentemente das muitas interpretações sobre a narrativa kafkiana, o que pretendemos a partir de D&G, também leva em conta o contexto e os problemas que Kafka vivenciou que certamente influenciaram seu pensamento e, conseqüentemente, a escrita. O primeiro e mais significativo deles é o familiar, o que é bem perceptível a partir da novela *A Metamorfose*.

Kafka vivenciou uma conturbada relação familiar, principalmente com seu pai. Torna-se um elemento central na obra de Kafka o sentimento de desprezo e rancor pela figura paterna. Kafka mostra-se um profundo insatisfeito com a própria saúde a partir da contradita situação do pai. Insatisfação familiar que lhe renderia muitas dificuldades de relacionamento, chegando a não se casar durante a vida toda. Ele próprio se considera muito feio, tímido e fracassado, seja pela contradita relação familiar seja pela própria baixa estima. A presença de seus familiares é motivo de consternação, incômodo e ódio. Nada já lhe satisfaz se não escrever, o que lhe é motivo de isolamento por muito tempo, inclusive desejando não ver mais seus familiares, com os quais morava ainda (KAFKA, 2010, p. 31-32). Outro problema que atormentava Kafka era o trabalho como advogado em uma seguradora. O jovem advogado Kafka denota em seus escritos a crítica severa às instituições sociais de seu tempo, sobretudo à Justiça. Trata da falsa ideia corrente em seu meio de que se consiga fazer justiça numa sociedade medíocre e perversa, com normas absolutamente confusas e autoritárias, cujas estruturas não permitem que se tenha pleno acesso a ela, como é o caso de Joseph K. em *O Processo* (2013).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Seus contos e novelas revelam a forma do poder judiciário do seu tempo e, pelos personagens, o quanto as pessoas não conhecem ou compreendem o funcionamento do poder, como afirma Braga (2010, p. 136): “é a partir da ação do poder sobre o indivíduo que Kafka constrói suas narrativas, daí o papel especial que os acusados ocupam em sua obra”. No conto Na colônia penal Kafka (2009, p. 88) expressa a própria imagem da lei: ninguém sabe o que ela é até que se anuncie no ato do castigo, quando as agulhas da máquina escrevem a sentença na carne do prisioneiro – momento em que ele conhece sua culpa, a qual, ainda que desconhecida, é sempre indubitável. Por tal característica transcendente, a lei é máquina abstrata que nos sobrecodifica, fazendo valer o poder do Estado – “toda uma ‘polícia’”, dirá Deleuze à Parnet (1998, p. 163) –, opondo-se ao desejo “como o espírito ao corpo, como a forma à matéria” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 77). A máquina de “Na colônia penal”, enquanto representante da lei, é arcaica e ultrapassada, pois a própria forma da lei é “inseparável de uma máquina abstrata autodestrutiva e que não pode desenvolver-se concretamente” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 72). Dirão D&G que Kafka sairá dessa máquina abstrata da lei “para entrar no agenciamento maquínico da justiça, isto é, na imanência mútua de uma lei decodificada e de um desejo desterritorializado” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 77). Com ele, a máquina abstrata muda singularmente: “deixa de ser reificada e separada, ela não existe mais fora dos agenciamentos concretos, sociais-políticos que a encarnam” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 72).

Sendo a culpa “sempre indubitável” (KAFKA, 2009, p. 88), a punição será exemplar, não havendo julgamento, e será o oficial que decidirá quem é culpado. Mas essa prática se torna comprometida: primeiramente não mais aceita pelos

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

habitantes da colônia que não mais acompanhavam tal prática e, com a chegada de um estrangeiro, vindo para avaliar o uso deste instrumento em comparação às novas formas de justiça aplicadas na metrópole (consideradas mais justas, brandas e humanas) acabará considerando a forma aplicada na colônia como injusta e cruel. A lei e a justiça servem ao modelo rígido das relações de domínio do Estado sobre o indivíduo, elas são perversas e levam à desesperança. Não se alcança a justiça, não se pode chegar à ela, antes, é ela que nos alcança por meio de suas engrenagens, suas infinitas portas como a polícia, o juiz, a lei, o legislador, o Estado, etc...

A natureza do processo resulta da articulação entre a invisibilidade de um tribunal e o ocultamento de uma lei avassaladora. A própria lei governa a aleatoriedade dos procedimentos; ao mesmo tempo, oculta e comanda a invisibilidade das câmaras que a aplicam (LIMA, 1993, p. 104). Sua lógica será inacessível ao olhar da sociedade, mas, ainda assim, é ela quem assegura a perpetuação do poder soberano do Estado sobre o indivíduo. Perante a relação do indivíduo com a lei, Kafka alude à simplicidade do homem que acabará conformando-se e tornando-se alvo fácil daquela, sendo que “faz parte da natureza desse sistema judicial condenar não apenas réus inocentes, mas réus ignorantes” (BENJAMIM, 1994, p. 140). Esse é o agenciamento inventado por Kafka: “só vale pela desmontagem que opera da máquina e da representação, e, funcionando atualmente, ele só funciona por e em sua própria desmontagem” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 72 [grifos dos autores]). Importa, assim, perguntar: como o agenciamento funciona no real? É na apresentação do funcionamento dos procedimentos jurídicos que o humor de Kafka – exaltado por Deleuze e Guattari – aparecerá.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Não se trata, no entanto, de um mero zombar da majestuosidade da lei e do poder do sistema judiciário, mas de evidenciar que o importante politicamente está em outro lugar: nas agitações moleculares que se passam nos corredores do congresso, nos bastidores das reuniões. É aí que os verdadeiros problemas imanentes de desejo e de poder se defrontam, pois são “os microacontecimentos que exprimem o desejo e seus acasos” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 75).

Com Kafka, D&G, a justiça se torna “continuum do desejo, com limites móveis e sempre deslocados” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 76), questão de estabelecer sempre novas ligações, daí o desejo ser positivo, ativo e produtivo. É nesse ponto em que D&G vêem a justiça, o desejo e o devir confundirem-se na obra de Kafka. Seja por isso que ao lermos o capítulo “Desejo e imanência” de Kafka: para uma literatura menor poderíamos ver em que medida o Nietzsche (1990, p. 94) das Considerações Intempestivas se faz presente afirmando que no seio da literatura a vida emerge como uma força a-histórica, e a única justiça que a vida reconhece é o direito de devir o novo. Por isso se considerarmos a relação entre os signos da lei e os da literatura e, como o são, vemos a superioridade dessa à aquela; ou, para reforçar essa constatação, o próprio Deleuze é enfático ao defender a superioridade dos signos da arte em relação a todos os outros, e isso, diz ele, porque “[...] todos os outros signos são materiais”, enquanto os signos propriamente artísticos “[...] são os únicos imateriais” (DELEUZE, 2006b, p. 37). Assim, a literatura kafkiana nos serve numa relação muito mais intensiva com a subjetividade com forma de expressão e, com o tempo e devir, como precursora do devir – aí vemos Kafka operando a resistência antecipada à própria efetivação da política totalitária do Reich -, empurrando a vida

*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

como um relógio que avança para além do que nela possa se materializar como dogmático ou segmentarizado.

O Escrileituras em sala de aula – um agenciamento entre o conceito e a literatura

Do mesmo modo que a literatura serviu a Kafka, Deleuze e Guattari, interessa-nos a partir dos problemas que a atividade educacional básica nos faz enfrentar nas aulas de Filosofia no Ensino Médio, principalmente quanto ao uso da linguagem e a produção do ato de filosofar entre estudantes. Frente essa realidade o chamado Projeto Escrileituras: um modo de “ler-escrever” em meio à vida⁴ funciona em diferentes núcleos pelo país desenvolvendo pesquisas e práticas por meio de oficinas de escrileituras na Educação Básica e Ensino Superior, na tentativa de qualificação da Educação Básica no Brasil. O Projeto recebe a denominação central de Escrileituras (escrita-pela-leitura e leitura-pela-escrita) pelo fato de tratar, sempre, de alguma escritura; ou seja, de uma escrita singular, promovida por um escritor-leitor ou leitor-escritor (BARTHES, 2004a, b). Portanto, trata-se de uma escrileitura, que é sempre autoral e que não é possível imitar, pois não pode funcionar como modelo de leitura ou método de escrita. O Projeto opera, assim, com leituras férteis e fertilizadoras; além de escrituras inspiradoras, agitadoras de ideias e impulsionadoras de experimentações.

Na busca de suplantar e diminuir o déficit relacionado ao uso e produção de linguagem, o agenciamento conceito e literatura poderia se tornar um mecanismo didático facilitador dos processos de ensino e aprendizagem para a

⁴ O Projeto está vinculado à CAPES/INEP, pelo Programa Observatório da Educação - Edital 038/2010-, cujas atividades aqui explanadas estão submetidas ao núcleo da UNIOESTE, em Toledo/PR, no Programa de Filosofia (Licenciatura e Mestrado), sob coordenação da Profa.Dra. Ester Maria Dreher Heuser.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Filosofia? Na tentativa de responder esse desafio, conjuntamente ao núcleo de Toledo/UNIOESTE, temos realizado oficinas e práticas buscando promover a criatividade na leitura e na escrita dos estudantes de algumas das escolas da rede pública e privada de ensino nas cidades de Umuarama/PR e Francisco Beltrão/PR. Visando promover e desenvolver a criatividade e as multiplicidades de escrituras, conseqüentemente a oficina intitulada “A metamorfose da escrita: conexões filosófico-literárias” acabou chamando a atenção para questões de cunho ético-político (o que consideramos como que um dos objetivos de Kafka, por assim dizer), sob a égide da perspectiva da filosofia da diferença de D&G.

Para Deleuze um livro é um agenciamento com o fora nunca é igual a si mesmo é relação de forças que se entrecruzam para que o pensamento continue seu devir. As atividades da oficina evidenciaram a criação de modos de ler e escrever em meio à vida, agenciando Filosofia e Literatura geraram uma maior interatividade dos alunos com os conteúdos da disciplina Legislação e Ética no Curso Técnico em Design pelo IFPR de Umuarama/PR e Filosofia, pelo Colégio SESI de Francisco Beltrão/PR.

As leituras e as discussões sobre o trabalho e a sociedade capitalista ganharam significações a partir da experimentação da leitura do conto *A Metamorfose*, de Franz Kafka. Resultaram dessa proposta a produção artística de quadros (Fotografias 01, 02 e 03) ilustrando dos personagens conceituas da obra a sua relação com o fora, ou seja, o fora da literatura que se remete à vida desses alunos trabalhadores que se aproximam e se distanciam da obra na medida em que se envolvem com a leitura, a produção escrita e do discurso, por meio do debate com os cafés-filosóficos (Fotografias 04, 05 e 06) sem atender ao ritmo de aulas expositivas e fora da sala de aula, o que chamou mais facilmente a atenção dos estudantes para os



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

conceitos filosóficos e os problemas relacionados com suas vidas (Fotografias 04, 05 e 06).

Fotografias 01, 02 e 03: quadros pintados pelos estudantes participantes da oficina “A metamorfose da escrita: conexões filosófico-literárias” pelos estudantes da disciplina Legislação e Ética no Curso Técnico em Design, pelo IFPR de Umuarama/PR.



Fotografia 01



Fotografia

02Fotografia 03

Fotografias 04, 05 e 06: participação dos estudantes do Colégio SESI de Francisco Beltrão/PR na oficina “A metamorfose da escrita: conexões filosófico-literárias Nietzsche-Kafka”, em panificadora local.



Fotografia 04



Fotografia 05



Fotografia 06



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

A oficina fora desenvolvida por meio de café filosófico com o objetivo de instigar a leitura e debate dos textos *Crepúsculo dos ídolos*, de Nietzsche, e *A Metamorfose*, de Franz Kafka. Anteriormente à realização do café numa padaria local, os estudantes desenvolveram estudos em sala a partir da vida e das referidas obras dos escritores e, em seguida, promoveram análise sistemática dos textos percebendo suas semelhanças e perspectivas, incitando a relação da vida com o levantado nos escritos estudados.

Considerações finais

Mediante o que fora apresentado, à guisa de algumas considerações finais, se pode afirmar que D&G buscaram refletir sobre o indivíduo e a sociedade com uma forte crítica ao capitalismo e os processos de subjetivação a partir da força que a literatura kafkiana pode oferecer. O agenciamento com a literatura kafkiana é uma alternativa de fuga para um pensamento intempestivo, num constante devir contraditório de modelos fixos absolutos com sistemas rígidos obsoletos e idealistas sem influxos vitais, de submissão, de mesmismos e antedesejos. Neste sentido, o real efeito da literatura se desloca da recepção individual para um nível coletivo em que os agenciamentos maquínicos são desmontados pela máquina expressiva da escrita: “Kafka se propõe a extrair das representações sociais os agenciamentos de enunciação, e os agenciamentos maquínicos, e a desmontar esses agenciamentos” (DELEUZE; GUATTARI, 1977, p. 70).

Portanto, em meio à literatura e a filosofia e os agenciamentos filosófico-literários, D&G apontam um estatuto ético cujas características principais justificam-se num movimento de resistência e reinvenção da vida. É preciso a



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

decodificação das linhas que nos atravessam e nos codificam a fim de sermos capazes de resistir a elas, como é o caso da aula, da família, da lei, etc...; e na medida em que se resiste aos mais variados modos de produção de subjetividade, de tipos codificados, essa resistência já é uma criação e, neste caso, a ética é também resistência que reinventa novos modos de existência e novas formas de vida e porque não, de reinvenção do próprio modo de ensino e aprendizagem para a Filosofia.

Referências

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** . Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** . São Paulo: Ed. 34, 2012, vol. 4.

_____. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** . Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011, vol. 1.

_____. **Kafka. Por uma literatura menor** . Rio de Janeiro: Imago, 1977.

KAFKA, Franz. **A Metamorfose** . São Paulo: Companhia das Letras, 1997.